

é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém.

“Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome. Venha a nós o Vosso Reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje; perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém”. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora de nossa morte. Amém.

Como é possível orar meditando num turbilhão de repetições acima? Por certo, como eu próprio testemunho, pois milhares de terços já orei, durante essas repetições automáticas os pensamentos debandam para vários sentidos e modos.

E ainda tem gente que alega que o conteúdo do terço católico não se trata de orações repetitivas. Imagine, então, o rosário. No rosário católico, o texto inteiro, acima, é repetido completamente por três vezes, e sem descanso.

Np conteúdo do terço católico estão inseridos a repetição de cinco Pai Nossos. Essa oração que Jesus nos ensinou é a síntese de todas as orações e transcende como prece, porque abrange todas as possibilidades de todas as nossas necessidades tanto materiais quanto espirituais. Por ser uma oração a nós legada pelo próprio Jesus, não deve ser vista apenas como uma oração decorada, pois dessa forma Jesus Cristo estaria se contradizendo ao abominar as orações repetitivas, sendo assim, **a oração do Pai Nosso deve ser vista como uma estrutura para uma oração altamente válida e de produtivos temas para meditação.**

Mas não há como meditar repetindo-se tantos textos automáticos, portanto, o terço não comporta ocasiões de meditação exatamente por causa das repetições.

Entendo que, para orar o texto escrito pelo próprio Espírito Santo de Deus, o Pai Nosso, não é preciso repetir palavras exatas, automaticamente, mas sim, é necessário orar devagar, para dar tempo de se meditar, longa e profundamente, sobre cada frase, pois, por esse legado de Jesus, a oração está colocada, de maneira resumida, como numa

poesia, mas trata-se de uma prece completa, pela qual estão demonstradas todas as nossas necessidades básicas e diz das nossas obrigações em relação ao Criador, principalmente ao próximo, tal como o perdão irrestrito ao semelhante.

A oração que Jesus ensinou aos seus discípulos, e por conseqüência a nós, encerra um forte apelo ao perdão: “... *Pai perdoai as nossas dívidas...*”, mas, há algumas décadas, o clero e substituiu-a por: “*Perdoai as nossas ofensas*”.

Mas, seguindo o pensamento do iluminado clérigo Fernando Altemeyer Jr, digno teólogo da Cúria Metropolitana de São Paulo, nós também contestamos essa substituição, pois vem de encontro àquilo que também pensamos e, além de tudo, a palavra de Deus não cita o termo: ofensa, mas sim: dívidas, pois é muito mais fácil perdoar a alguém que nos ofendeu por qualquer motivo, como também, é mais fácil pedir perdão ao Senhor por alguma ofensa a ele do que pedir perdão por causa das nossas dívidas contraídas com ele, nas relações diárias com os nossos semelhantes.

“Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

Na verdade, estas palavras tendem a abranger um conjunto menor na prática da virtude do perdão, mas:

“Perdoai as nossas dívidas na mesma medida que perdoamos a quem nos tem ofendido”, engloba aspectos muito mais abrangentes que o termo “ofensas”, além do que, na Bíblia, consta claramente a palavra “dívidas”, e não ofensas. O termo dívidas compreende a caridade por inteiro, pois as nossas dívidas não se relegam a simples ofensas, mas se referem a um universo de leves, de médios e de graves delitos, senão vejamos: de acordo com a palavra do Senhor em Mateus 25, o desenvolvimento desses de nossas dívidas aos semelhantes e não de nossas simples ofensas:

Se nunca dirigimos um conselho amigo a alguém que permanece em erros, de acordo com a Palavra Escrita, ficamos devendo a ele:

Quando você dirige um bom conselho a alguém necessitado, embora pareça que foram palavras perdidas, porque o outro fez ouvidos de mercador, não se engane: mesmo que possa não notar, esse simples ato será como uma semente de sabedoria lançada no cérebro do infeliz, mesmo que seja no seu subconsciente. Pela rejeição dele quanto a assuntos espirituais, tal semente poderá não germinar logo, contudo, esteja certo de que um dia isso poderá acontecer — demore décadas ou não, pois tudo tem o seu tempo certo —, tornando-se mais um veículo para a salvação daquele necessitado e, por conseqüência, também da sua própria salvação!

“Se, porém, avisares o ímpio e ele não se converter do seu mau caminho, por certo ele morrerá (a morte eterna), mas tu terás livrado a tua alma”. Determinações do Senhor, em Ezequiel, 3.19.

“Ninguém busque o seu próprio interesse, mas o do próximo”.
Revelações do Senhor, em I Coríntios, 10.24.

Se você nunca orou pelos encarcerados, mesmo pelos bandidos irrecuperáveis, de acordo com a Palavra Escrita, você ficou devendo a eles:

“... Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e vos perseguem...” Preceitos de Jesus, em Mateus, 5.44.

Jesus incluiu a prisão, onde, salvo equívoco, ficam os bandidos, para demonstrar que o verdadeiro amor ao próximo deve ser estendido, também, aos inimigos. Portanto, conforme a Lei de Deus, aqueles que praticaram crimes devem permanecer presos, mas devem ser tratados com humanidade. Perdoar e amar a um criminoso ativo, cria da omissão da sociedade, não é levá-lo para casa, tratar dele e abraçá-lo fraternalmente, mas, sim, deve ser tratado como alguém que errou e que num regime de correção pode e deve ser recuperado para conviver na sociedade.

Sabemos que as prisões do Brasil e das outras nações do Terceiro Mundo não recuperam ninguém, ao contrário, o tratamento desumano que dão aos encarcerados faz aumentar, em muito, o ódio mortal que já tinham da sociedade. Aqueles que praticaram crimes devem permanecer presos, mas devem ser tratados com humanidade e fazê-los trabalhar, pois se assim não for feito, o prejuízo maior será da sociedade. Se os responsáveis maiores pela guarda e recuperação dos criminosos não procederem assim, se apossando direta ou indiretamente das verbas destinadas à sua recuperação ou mesmo de qualquer forma omitindo-se, sejam governantes, políticos, legisladores, advogados, promotores, juízes, policiais, diretores ou funcionários penitenciários, tornar-se-ão graves transgressores da Lei divina e, no dia da Justiça Final, responderão por seus atos.

“Todo aquele que fizer um pecador retroceder de seu erro, salvará a sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados”.

Promessas do Senhor Deus, em Tiago, 5.20.

“... Na verdade, vos declaro: foi a mim que o fizestes”.

Na sua extrema sabedoria Jesus deixou claro o preceito pelo qual o verdadeiro cristão tem de amar, também, os ímpios e até aqueles que o atribulam. O cristão que medita, que vive coerentemente de acordo com os exemplos de Jesus, tem a plena consciência e a convicção de que, graças ao grau de sabedoria que detém, está num plano espiritual extremamente superior ao daquele que pratica o mal. Por guardar, com convicção, as Escrituras, esse cristão tem certeza da sua própria salvação e se entristece por outro que, pela ignorância espiritual que os leva a praticar atos vis, ao agredir constantemente a palavra de Deus, conforme os céus, não poderá obter a salvação. Ele, o cristão, estará no céu de Deus, enquanto o ímpio, se não se arrepender a tempo, amargará a eternidade no inferno.

Então, como não ver com olhos compassivos esses pobres seres, sejam bandidos; meus agressores, sejam eles quem for? Portanto, para vivermos conforme os preceitos bíblicos e o real cristianismo e para permanecermos em comunhão com Deus, por mais paradoxal que possa parecer e por mais que agrida a maioria, **temos de ter mais compaixão pelo criminoso do que pelas suas vítimas!** Vivem pela lei do homem, a lei natural, aqueles que não concordam com as leis bíblicas.

“Jesus fixou o olhar naquele que amava mais o ouro, amou-o e lhe disse...” Marcos, 10.21.

D. Paulo Evaristo Arns, o antes criticado ex-Arcebispo de São Paulo, assim como outros clericais católicos e ortodoxos, também os evangélicos, bem como outros líderes religiosos e os representantes das instituições de Defesa dos Direitos Humanos, defendem esses direitos para todos indistintamente, inclusive para os facínoras. Condenam qualquer tipo de aborto, a eutanásia, o suicídio, e são totalmente contra a tortura e a pena de morte, **mas eles nada mais fazem do que obedecer, criteriosamente, aos preceitos do Senhor!**

Quanto ao aborto, hoje em dia os legislativos de todo o mundo estão discutindo sobre o aborto e alguns países já aprovam o aborto. Os legislativos votam leis severas, mandando para a cadeia aqueles que matam ou comercializam animais silvestres, ou mesmo que destruam ovos de tartaruga, mas, estranhamente, aprovam a morte de uma vida humana ainda no ventre de sua mãe. Coisas do mundo, mas não de Deus!

O que é mais importante: a cômoda vontade da sociedade, a lei da maioria, ou a Lei do Altíssimo? Como criticar alguém que obedece criteriosamente aos preceitos do Senhor? Para que entendamos, basta seguir o raciocínio lógico:

O que nos representa um criminoso? Um inimigo perigoso, vingativo, maldoso, um predador? É difícil aceitar direitos para esses inimigos da sociedade? Jesus referiu-se, dessa forma, a qualquer inimigo:

“... Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e vos perseguem...” Preceitos de Jesus, em Mateus, 5.44.

Ao afirmar, claramente, que devemos perdoar até aos criminosos, Jesus, o Verbo de Deus, tinha completa consciência do que afirmava, pois o Espírito Santo de Deus, o Paráclito da Revelação, falava por ele, senão vejamos:

O que é um facínora? Um marginal agressor, um predador e inimigo de tudo e de todos, um revoltado, completamente desprovido de sabedoria, contudo, um produto do nosso meio e de nossa culpa. Como? De nossa culpa? De minha culpa?

“... Perdoai as nossas dívidas...”

Porque pela falta de amor ao próximo, pelo desamor e abandono da parte de seus pais e de toda a sociedade constituída por aqueles que rapinaram os recursos destinados a eles, por aqueles governantes ou responsáveis repetidamente omissos, somos culpados. Por elegermos ou tolerarmos aqueles que podem fazer algo mais, porque reinam nos poderes Legislativos e Executivos, entretanto não se importam com a miséria assombrosamente crescente, somos culpados. Por isso, é certo que, de alguma forma, todos somos culpados também pela visível proliferação dos rincões de miséria, nas cidades, mas, agora, também, no campo.

Somos culpados, também, por transformarmos inocentes crianças em verdadeiras feras predadoras ao privá-las do carinho e do conforto de um lar e de um bocado de amor, pois essas culpas são conseqüências de atos omissos, tais como um voto displicentemente dirigido a um mau político, por outra omissão qualquer ou, simplesmente, pela sonegação de qualquer imposto público.

Já ouvi alguns empresários e outras pessoas do povo dizerem que sonegam impostos porque, se os pagassem, a parte maior de seu dinheiro acabaria no bolso de um político corrupto e do corruptor, mas desse modo cômodo eles erram gravemente, pois, omitindo-se, só agravam os problemas. Perante Deus, deixam de fazer a sua parte e tornam-se co-responsáveis pelos atos predatórios ao tesouro público e pelas danosas conseqüências disso. Cada um tem de fazer a sua parte e deixar o resto com Deus. A justiça a Deus pertence e, como por seus desígnios não usa dois pesos e duas medidas, é certo que a fará! Para legar o exemplo, ao pagar sua cota de imposto, Jesus, o pobre andarilho, também cumpriu suas obrigações de cidadão judeu (Mateus 17.23).

“... Perdoai as nossas dívidas...”

Qualquer um que nascer e viver na miséria, no abandono, sob a violência, na necessidade, na fome e, principalmente, no desamor, é um natural candidato a bandido, a agressor, a inimigo de tudo e de todos. Muitos defendem a morte jurídica para os bandidos. Quanto à pena de morte, como poderemos matar os condenados pela justiça dos homens se muitos desses bandidos são criações nossas? São resultados de nossa culpa? Sim, depois de resolvermos os graves problemas da distribuição de renda e das terras, da fome, da sede, da moradia, do racismo, das injustiças sociais; depois de oferecermos saúde, cultura e emprego a todos os que necessitam; depois que acolhermos com amor e cuidarmos de todas as crianças que dormem na rua e, se com tudo isso delinqüirem gravemente, aí, talvez, poderemos até pensar numa lei civil extrema, tal como a da pena de morte.

Uma criança criada com amor e com o conforto de um lar saudável não fugirá de seus pais e não delinqüirá, a não ser que os pais se descuidem e acabe convivendo com más companhias. Lembremo-nos disso cada vez que nos depararmos com um bandido, seja qual for a idade dele.

Contudo isso, eu ainda não aprovaria a pena de morte enquanto os pobres não receberem o mesmo tratamento jurídico que os ricos. Sabemos da tremenda diferença de

tratamento, tanto policial quanto jurídico entre pobres e ricos. Um rico e poderoso, por mais que cometa crimes contra a sociedade, nunca passará de um suspeito, e se por um acaso chegar a ser preso não ficará lá por muito tempo. Mas se um pobre roubar uma galinha para comer, vai direto para o calabouço como ladrão e ficará lá, no mínimo até ser julgado e isso, nos países do Terceiro Mundo no qual se insere o Brasil, leva anos.

“... *Perdoai as nossas dívidas...*”.

Pela ingerência dos governos dos países mais pobres, pela impiedade dos extremamente abastados, pela prevaricação, pela avidez por dinheiro e por mau uso do poder público, fazem de seus responsáveis culpados pela injusta e desastrosa distribuição de renda. Assim acontece no Brasil. Os abastados a cada dia aumentam, de modo exagerado, as suas fortunas de tal forma que algumas, de tão imensas, ao administrá-las segundo os seus particulares interesses, podem fazer a prosperidade ou trazer dissabores à economia de um país pobre. Quanto a esse aspecto, funciona inversamente proporcional à condição de pobreza, pois os pobres a cada dia agravam a sua condição de miserabilidade. O pior é que tudo indica que tal situação continuará se agravando até o caos.

Esse contraste social propicia, infalivelmente, um crescente aumento da criminalidade. Isso é motivado pela ausência das necessidades básicas, alimentar, cultural e afetiva, principalmente na infância. Nesse estado de coisas, por conseqüência, certamente, será, também, crescente o número de marginais praticantes de impiedosos assassinatos, de assaltos, de seqüestros, do tráfico de drogas e de outros crimes.

Esse estado de insegurança e o aumento da violência fará que dentro de alguns anos, os abastados — os mais visados, porque têm o que os assaltantes querem —, terão de mudar-se de país ou, então, terão de passar a viver enclausurados em condomínios de muros altos ou em suas residências repletas de grades, de alarmes e de outros dispositivos eletrônicos; com blindagem em seus automóveis e cercados de seguranças. Porém, todos esses aparatos, embora proporcionem uma aparente situação de segurança física, não conseguem livrá-los suficientemente dos predadores, pois esses contam como vantagem o elemento surpresa, o bote traiçoeiro. Podem contar, também, com comparsas de dentro, os traidores de seus patrões ou de ex-patrões. Dessa forma, esses ricos passarão a viver em constantes sobressaltos para não serem picados pelas cobras peçonhentas que ajudaram a criar e, que agora, progressivamente, no Terceiro Milênio, aumentam em ritmo aterrador.

É certo que essa situação vai piorar. A única solução que possa vir a diminuir progressiva e consideravelmente a violência e criminalidade é uma justa distribuição de renda, de terras, pleno emprego e altos investimentos na saúde, educação e cultura.

A maioria sonha em ser rico e poderoso, e os que conseguem chegar a esse estágio pensam que dessa forma estarão livres das adversidades materiais de qualquer tipo, todavia, se enganam, pois, no mínimo, têm de cercar-se de seguranças e guarda-costas até nos seus momentos de lazer, como também seus filhos.

Antigamente se dizia: “*Já nasceu bandido*”, mas, antropólogos e criminalistas reunidos em vários congressos internacionais, sendo um deles em 1892 na Bélgica, em Bruxelas, naquelas épocas em que se tinha mais tempo para pensar, chegaram à conclusão de que, exceto alguns desvios, o bandido é criado pelo meio em que vive.

Antes, em épocas de pleno emprego na cidade e no campo, tal como nas décadas de 60 e 70, havia baixos índices de criminalidade, mas mesmo levando-se em conta o aumento da população e ocupação de espaços de forma miserável e injusta, proporcionalmente, a criminalidade aumentou de forma alarmante. Hoje, em conseqüência da injusta distribuição de renda e do desemprego, a violência e a miséria alcançam níveis intoleráveis.

Onde iremos parar? Será o fim do mundo? Mas, quem gosta de ser bandido?

Exceto os perturbados de mente, ninguém que tenha uma vida decente se arriscaria a levar uma vida de bandido. A vida de um marginal é perigosa, sofrida, incerta, difícil, temerária, cheia de sobressaltos e dificilmente um bandido perigoso chega à velhice. Portanto, o bandido é criado por nossa culpa, por nossa omissão, até por não termos estudado cuidadosamente os antecedentes da vida de cada candidato a qualquer cargo político, seja municipal, estadual ou federal, antes de elegê-lo. Se assim houvéssemos procedido teríamos evitado a eleição de tantos políticos desonestos em alto grau, que só se preocupam com os seus particulares interesses. São homens vis que formam uma máfia política, que não se importam com as constantes denúncias sobre as suas falcatruas e omissões, nem mesmo as providas da mídia, desde que a causa desses escândalos possa render a eles grandes quantias. Eles têm consciência de que, em consequência do baixíssimo nível cultural e social da maioria que vota, própria dos países do Terceiro Mundo, com a realização de uma abrangente campanha eleitoral, paga exatamente com aquele dinheiro roubado, por tabela, desse próprio povo votante, se reelegerão novamente.

Pela ignorância do povo brasileiro mais pobre e pelo poder da propaganda bem elaborada, até um político que atirou em outro político para matá-lo, a sangue frio e em público, foi eleito, logo depois, a senador da República. Num país mais culto, tal homem estaria preso e nunca mais conseguiria se reeleger a cargo algum. É extremamente mais fácil a um conhecido corrupto reeleger-se para um cargo político com uma dispendiosa campanha publicitária do que a um outro de vida absolutamente ilibada, um abnegado altruísta, eleger-se sem boa publicidade.

Sabe-se que esses insensatos políticos e servidores são muito mais predadores do que bandidos que roubam e assaltam, porque a ação maléfica dos bandidos comuns, quase sempre se reporta apenas aos valores furtados, entretanto, quando os maus políticos participam de uma negociata de corrupção — traindo o povo ao qual deveriam representar, que paga os seus salários —, e levam trinta dinheiros, na verdade o prejuízo para o Tesouro será muitas vezes maior, porque os corruptores sempre ficam com a parte bem maior do saque do que o bocado recebido pelo subornado.

Tais empresários desonestos são os mais inteligentes, argutos, e os maiores assaltantes do mundo, porque vão direto *aonde tem muito*, cada vez com mais volúpia. Agem como se achassem que aquelas grossas somas que roubam não têm dono e, assim, como se fosse até uma obrigação, saqueiam enormes importâncias de cada vez. Sabem que ficarão impunes exatamente porque isso só se torna possível pela participação ativa no saque, também, de maus homens e funcionários públicos, de seus cúmplices e até de maus juizes, o que constitui peculato em alto grau. Então, indiretamente, nós eleitores nos tornamos, de certa forma, cúmplices passivos daquelas mazelas. Bem diz o velho ditado popular: *“Cada povo tem o governo que merece”*.

Somos também culpados pela violência crescente, até pelo simples fato de não exigirmos a correspondente nota fiscal por qualquer compra, ou por qualquer prestação de serviços. Somos culpados, até por nada fazermos em favor dos oprimidos, nem que seja um protesto pela mídia ou pela ausência de qualquer tipo de ação que a consciência indicar. Somos culpados, também, por não nos indignarmos, por não nos manifestarmos publicamente, de todas as formas possíveis contra os piores bandidos com a sua violência irracional. Esses constituem boa parte dos que integram a polícia, lotada por todo esse Brasil — que nos perdoem os bons policiais, pois com o pouquíssimo que ganham, se não conseguem cuidar convenientemente de suas famílias, tampouco poderão proteger, convenientemente, as outras.

A um bandido pode-se até reagir, contudo, uma reação à violência daqueles carrancudos, de olhos frios, vestidos com farda ou com distintivo no bolso, que tratam como bandidos os habitantes da periferia — de onde muito deles também advém —, principalmente os de pele mais escura, poderá redundar numa boa dose de torturas físicas antes da morte, agravadas pelo fato de não haver mais ninguém a quem se possa pedir socorro. É notório que providências contra injustiças tais, em geral, só são levadas

a efeito e com a devida rapidez quando fatos específicos são divulgados pela mídia, principalmente a dos grandes periódicos e a das grandes redes de rádio e TV.

Lembro-me de que, anos atrás, em casa tínhamos uma gata que havia dado cria a diversos gatinhos mansos e brincalhões, entretanto, não se sabe porque, de outra vez deu cria no mato e seus filhotes sofreram toda a sorte dos flagelos das intempéries. Os filhotes passaram frio, dormiram na chuva, foram mal alimentados e, quando a gata apareceu com eles, em nada se assemelhavam aos da primeira cria, pois na verdade se comportavam como verdadeiros tigrinhos: eram agressivos, arranhavam e mordiam como feras. Para fazer que os cães de guarda fiquem muito agressivos a ponto de matarem, nos primeiros meses de vida é costume de alguns treinadores deixá-los amarrados com correntes curtas, em lugares escuros, com fome, com frio e sem conforto algum. Assim, também, se passa com o homem que é produto do seu meio. Toda criança maltratada e com fome será um homem revoltado e com sérias tendências criminosas. Muitos já ouviram a frase: *“Ave! Aquele bandido mais parecia um animal raivoso!”*.

“... Perdoai-nos as nossas dívidas...”.

A palavra do Senhor ordena que tenhamos como requisitos básicos para a salvação eterna, além da fé e do batismo, o amor e a caridade para **qualquer** próximo! A palavra **qualquer** inclui qualquer bandido — quem não gostar estará contra as Escrituras, portanto, contra Deus.

“... foi a mim que o fizeste...”.

Repetindo: apesar de o Pai Nosso católico foi alterado pelo clero no catecismo, de acordo com a Palavra Escrita, pois não diz das nossas ofensas, mas, sim, das nossas dívidas para com Deus e para com o semelhante, que são mais graves que simples ofensas, Jesus inicia essa oração, necessariamente, com uma glorificação e louvor ao Pai, porque o Pai é o mais importante de tudo, pois dele provém a Verdade e todas as bênçãos. Depois invoca a promessa do céu e diz do poder que vem de Deus ao homem justo, pelo qual pode realizar grandes feitos, mas intrínseco está, também, a paz na Terra. A oração de Jesus fala da vital importância da realização da vontade do Pai, embora, em determinadas situações, muitos não possam entendê-la. O Pai Nosso diz das nossas necessidades diárias, da suficiência material, do pão de cada dia, do pão do corpo, cujo pão deve, necessariamente, ter sentido ambivalente, pois, se o pão supre o corpo, muito mais importante é o alimento do espírito, a sabedoria e a prosperidade espiritual. Depois determina que seja feita a vontade do Senhor Deus, mesmo que isso venha a nos descontentar, pois só ele sabe o que é melhor para nós.

Essa oração enseja, também, a obtenção do perdão de Deus por nossas dívidas, principalmente contra Ele, pois quando agredimos, de várias formas, o nosso semelhante é a Deus que agredimos, na mesma medida que o nosso perdão seja estendido, também, a qualquer semelhante, até mesmo àqueles que, sem Jesus no coração, jamais os perdoaríamos, evidenciando e ressaltando o amor irrestrito ao próximo, emanção de Deus. Ao final dessa oração há uma invocação ao Senhor para que nos dê forças para rejeitarmos as tentações, mas ele só faz apoiar o nosso esforço quando lutamos contra o mal. Como não poderia deixar de ser, para se alcançar a bênção, é necessário renegar a maldição e, se de um lado Deus está nos aguardando com sua bênção, de outro lado, Satanás, sempre ativo, está à espreita aguardando oportunidades para fazer valer a maldição. Por isso, Jesus incluiu nessa oração uma invocação para que a maldição se mantenha longe de nós.

A verdadeira oração é aquela que não tem chavões nem frases decoradas; não utiliza textos pré-escritos por outros, mas, sim, aquela que nasce do fundo do coração, espontânea, aquela que improvisa, mas fala mais do que as palavras, porque fala menos com a boca e muito mais com o coração. A verdadeira oração é aquela que conversa com o Senhor Deus e ele a ouve tanto no templo quanto no campo!

Quanto ao Pai Nosso, vale mais orar uma só vez por dia, com contrição e atenção, meditando-se demoradamente sobre cada frase ensinada por Jesus do que repetir por muitas vezes, de modo automático.

Jesus abomina, explicitamente, as rezas muito repetitivas e esse preceito bíblico é direto e claro, portanto, não dá margem a diferentes interpretações:

“E orando, não useis de vãs repetições como fazem os pagãos não multipliqueis as palavras como fazem os pagãos que julgam ser ouvidos à força das palavras”. Advertência de Jesus, em Mateus, 6.7.

Para bem entender a inutilidade e a inconveniência da oração repetitiva, vamos ilustrar, de modo até infantil, mas eficiente. Sendo a oração louvor e prece, imagine-se na presença de um rei ou do presidente da empresa em que você trabalha. Foi procurá-lo porque quer um favor. Se, na presença dele, você ler um trecho de seus pedidos criado por outros e se limitar a repeti-lo, por várias vezes, por certo sua audiência não será produtiva. Seu presidente vai achar você um chato e inconveniente. Ao contrário, se você conversar com ele, do jeito que sabe, se expor o problema com lógica, com suas próprias palavras, mesmo de modo acaipirado, no mínimo, vai ouvi-lo até que você tenha completado a sua mensagem. Vamos agora trocar o presidente pelo Altíssimo Deus. Duvido que ele vá, também, ficar ouvindo um rosário de repetições feitas de modo até automático. Da mesma forma, se você dirigir-se a ele com louvores e, ao conversar com ele, de modo franco, dizer de suas preocupações, necessidades e fraquezas, pode estar certo de que, no mínimo, vai ficar atento a tudo o que você tem a dizer, como também poderá resolver todos os seus problemas, dependendo, para isso, de sua fé. A Bíblia nos revela que temos de insistir com Deus. Insistir com Deus é insistir na prece, de várias maneiras, horas e dias, mas isso não combina com orações repetitivas.

“E orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos”. Mateus, 6.7.

Os católicos afirmam que, por outro lado (como se Jesus pudesse ser incoerente), Jesus legitimou as rezas repetitivas. Vejamos isso, então:

“Retirando-se de novo (Jesus), orou repetindo as mesmas palavras”. Mateus, 14.39.

Vamos ver a oração que Jesus repetiu?

“Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não se fala o que quero, mas o que tu queres”. Mateus, 14.36.

Ora, quem não repetiria tal clamor desesperado, pelo qual Jesus suou até sangue?

Acaso você mesmo, sabendo que no dia seguinte seria altamente torturado e depois supliciado com o pior suplício da época, não repetira essa oração, por muitas e muitas vezes?:

“Pai, afasta de mim este cálice!”. Eu mesmo, declaro que se estivesse no lugar de Jesus, naquele momento clamaria isso por muitas vezes, mas rezar as tais ave-marias por 50 vezes é o fim da picada!

Graça, paz, saúde e muita sabedoria, extensivo aos familiares.

Waldecy A. Simões.
netsimoes@terra.com.br

Rua Antonio Martins Costa, 451.
São Paulo.
CEP 05584-000
Fone 11 - 3784.4843

Está perfeitamente permitida a cópia, a reprodução e a publicação de todo o conteúdo desse arquivo, com também é livre a publicação na Internet e a impressão do mesmo. Portanto, o presente arquivo é absolutamente livre para qualquer tipo de propagação desde que não se altere o conteúdo original.

Quanto ao conteúdo original, no site www.segundoasescrituras.com existe uma cópia idêntica desse arquivo criada pelo sistema PDF do *Acrobat Reader*, que o torna inviolável, de cuja cópia também está disponível para livre *download* e para qualquer tipo de propagação.

Agradeço, de coração, a todos, e estou completamente aberto a qualquer tipo de correspondência, das quais declaro, solenemente, que responderei a todas.